

VIDAS PROVISÓRIAS: IDENTIDADE, NACIONALISMO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E DIÁSPORA

VIDAS PROVISÓRIAS: IDENTITY, NATIONALISM, DETERRITORIALIZATION AND DIASPORA

Ricardo André Ferreira Martins (UENP)¹

Luciana Brito (UENP)²

Rondinele Aparecido Ribeiro (UNESP)³

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a personagem Barbara do romance *Vidas provisórias*, publicado por Edney Silvestre em 2013, a partir da discussão teórica da construção de identidade e de um dos mais importantes desdobramentos da identidade que é o nacionalismo, o sentimento de pertença a um determinado espaço geográfico. A base teórica organiza-se em discussões perpetradas por Hall (2006 e 2013), Bauman (2001), Kristeva (1994), Anderson (2008), Deleuze e Guattari (1995) e Todorov (1983). Também foram utilizados teóricos dedicados ao estudo de personagem e à literatura brasileira contemporânea. Barbara, no início dos anos 90, deixa o Brasil rumo aos Estados Unidos, onde passa a viver como imigrante ilegal. A adolescente, que não fala inglês, sobrevive fazendo faxina e, nas horas vagas, trabalha como manicure. Em terras estrangeiras, a personagem convive com a terrível sensação de não pertencimento, sentindo-se perdida e pequena em um mundo vasto e desconhecido.

Palavras-chave: Vidas provisórias; Edney Silvestre; Identidade; Nacionalismo; Desterritorialização.

Abstract: This article aims to analyze the character Barbara of the novel *Vidas provisórias*, published by Edney Silvestre in 2013, based on theoretical discussion of the construction of identity and one of the most important developments of identity that is nationalism, the feeling of belonging to a certain geographic space. The theoretical basis is organized in discussions perpetrated by Hall (2006 e 2013), Bauman (2001), Kristeva (1994), Anderson (2008), Deleuze e Guattari (1995) e Todorov (1983). Theorists dedicated to character studies and contemporary Brazilian literature were also used. Barbara, in the early 1990s, he left Brazil for the United States, where he started to live as an illegal immigrant. The teenager, who does not speak English, survives by cleaning and, in her spare time, works as a manicurist. In foreign lands, the character lives with the terrible sensation of not belonging, feeling lost and small in a vast and unknown world.

Keywords: Vidas provisórias; Edney Silvestre; Identity; Nationalism; Deterritorialization.

Introdução

¹ Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Email: ricardo.martins@uenp.edu.br

² Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Campus Assis, na área Literatura e Vida Social. Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Email: lbrito@uenp.edu.br

³ Doutorando em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Campus Assis, na área Literatura e Vida Social. Email: ribeirorondinele@gmail.com

O escritor Edney Silvestre⁴ venceu o Prêmio Jabuti de Melhor Romance em 2010 e o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Estreante com o livro *Se eu fechar os olhos agora* (2009). Apesar de premiado e reconhecido pela crítica literária, há poucos trabalhos acadêmicos dedicados à produção literária do escritor. Sendo assim, este artigo pretende contribuir para a fortuna crítica dedicada à obra literária de Edney Silvestre, bem como às pesquisas na área de Letras, em especial estudo de romance e personagem.

Vidas provisórias conta a história de dois brasileiros que deixam o Brasil, Paulo e Barbara. São duas narrativas que se intercalam e se distinguem pelas cores diferentes de página e de tinta (a história de Paulo é contada em folhas amareladas e letras pretas; a narrativa de Barbara é impressa em folhas brancas e letras azuis), sendo que o último capítulo amarra as duas tramas. O romance narra o deslocamento dessas personagens que, por motivos diferentes, saem do Brasil e passam a viver em outro país. Barbara vai para os Estados Unidos e Paulo para a Suécia. Ao longo do enredo, são apresentadas suas motivações, a relação com a identidade perdida e a busca por uma nova, o sentimento de exílio que sentem e seus deslocamentos frente a realidades desconhecidas que precisam enfrentar.

A narrativa de Paulo é anterior à de Barbara, ocorrendo em Estocolmo em 1974, período em que ocorre a ditadura militar brasileira. Diferentemente, a história de Barbara é ambientada em 1991, em Atlanta, momento em que o Brasil convivia com diferentes problemas socioeconômicos resultantes da era Collor. Os acontecimentos desses dois períodos históricos brasileiros, que deixaram marcas na sociedade, estão no redemoinhar da obra em estudo e são os responsáveis pelo deslocamento dos dois personagens, que, com a saída do Brasil, passam a viver como imigrantes ilegais. No novo país, Paulo e Barbara convivem com as incertezas, o desconhecido e, principalmente, o medo de serem descobertos. Destaca-se, ainda, a saudade do país de origem, a falta de convívio com os familiares e amigos que deixaram e as drásticas mudanças culturais e sociais.

As histórias de Paulo e Barbara, apesar de serem ambientadas em tempos e espaços distintos, como já mencionado, apresentam em comum o fato de serem brasileiros que se veem obrigados a abandonar seu país de forma abrupta, passando a integrar o grupo de imigrantes ilegais, cujas vivências, nos espaços ocupados, têm um caráter temporário, ou seja, são vidas provisórias, como apresentado no título do livro.

1 Identidade, Nacionalismo e diáspora: a personagem Barbara em *Vidas Provisórias*

Beatriz Resende, ao problematizar sobre a produção literária contemporânea em sua obra *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*, destaca a multiplicidade de tendências e formas estéticas como traço fundamental do período. Trata-se de um momento conflitante e plural, que traz marcas de seu contexto histórico e movimentos de ruptura, inovação, ressignificação e revisitação para a produção literária.

Regina Dalcastagnè, que também considera a literatura contemporânea um entrecruzamento de tendências estéticas, comenta sobre a falta de obras da ficção que reivindiquem o acesso à voz e organizem-se esteticamente e ideologicamente a partir das pautas do lugar de fala, o que favoreceria o desenvolvimento de estratégias de resistência das minorias:

⁴ Escritor e jornalista, Edney Silvestre nasceu em Valença (RJ), em 1950. Foi correspondente internacional do jornal *O Globo* e da TV Globo, em Nova York, entre os anos de 1991 e 2002. Suas experiências jornalísticas internacionais estão nos livros *Dias de cachorro louco*, *Outros tempos* e *Contestadores*. Com seu primeiro romance, *Se eu fechar os olhos agora*, publicado em 2009, venceu o Prêmio São Paulo na categoria melhor livro de autor estreante e o Prêmio Jabuti de melhor romance. É autor dos romances *A felicidade é fácil* (2011), *Vidas provisórias* (2013), *Boa noite a todos* (2014), *O último dia da inocência* (2019), *Amores improváveis* (2021) e da coletânea de contos *Welcome to Copacabana & outras histórias*. Também escreveu a peça de teatro *Casa comigo* (2019).

Falta ao romance brasileiro dos últimos quinze anos, incorporar as vivências, os dramas, as opressões, mas também as fantasias, as esperanças e as utopias dos grupos sociais subalternos, sejam eles definidos por classe, por sexo, por raça e cor, por orientação sexual ou por qualquer outro critério. [...] nossa literatura apresenta uma perspectiva social enviesada, tanto mais grave pelo fato de que os grupos que estão excluídos da voz literária são os mesmos que são silenciados nos outros espaços de produção do discurso – a política, a mídia, em alguma medida ainda o mundo acadêmico (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 64).

Como apresenta a pesquisadora, são poucos os autores preocupados em dar vozes, em suas produções, aos grupos minoritários e vulneráveis, como os negros, as mulheres, os imigrantes, os refugiados, os homossexuais, sujeitos históricos silenciados pela estrutura social imposta. Tais vozes precisam ser inseridas na história para trazer à baila a revisitação e, por consequência, a discussão de conceitos importantes, tais como gênero, identidade, segregação, história, diáspora, bem como pôr fim à ideia de vozes hegemônicas, tão arraigada em nossa sociedade.

Dentre tais vozes, destacamos, neste artigo, a do imigrante, um sujeito diaspórico, segundo Stuart Hall em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2013). Leonardo Tonus, em um artigo em que trata do tema das migrações, afirma que são poucos os autores que hoje abordam a questão da migração no Brasil. Segundo o pesquisador, um mapeamento realizado nos últimos meses “pela consulta dos catálogos das grandes editoras brasileiras ou de sites ligados a Ongs que trabalham com a migrância e o refúgio, nos conduz a dados assustadores se levarmos em conta suas lacunas” (TONUS, 2018, p.480). Sendo assim, o autor apresenta o seguinte questionamento:

Como explicar tal silenciamento, sobretudo num país em que o tema da imigração ainda participa de sua narrativa identitária e que não se desfez dos velhos mitos da cordialidade e de fraternidade entre os povos? Seria este silêncio decorrente de um autocentramento que nos últimos tempos têm-se acentuado face às crises econômicas, sociais e institucionais que o Brasil tem presenciado? Ou estariam migrantes e refugiados fadados, como outras tantas minorias no país, ao estatuto de clandestinos em relação a uma cena literária marcada por uma perspectiva social enviesada? (TONUS, 2018, p.480)

Em seu livro *Estrangeiros para nós mesmos*, Júlia Kristeva discute os motivos pelos quais a figura do estrangeiro sempre tendeu a ser apagada ou inferiorizada nas histórias nacionais. Para a autora:

A violência do problema hoje colocado pelo estrangeiro provém, sem dúvidas, das crises das concepções religiosas e morais. É causada, sobretudo, pelo fato de que a absorção do estranho proposta por nossas sociedades revela-se inaceitável para o indivíduo moderno, defensor de sua diferença, não somente nacional e ética, mas essencialmente subjetiva irreduzível. Saído da revolução burguesa, o nacionalismo tornou-se um sintoma, primeiramente romântico, em seguida totalitário, dos séculos XIX e XX (KRISTEVA, 1994, p.9-10).

Com a disseminação dos ideais de nacionalismo, ocorreu uma naturalização da nação, que passa a ser a expressão de uma realidade “essencial” a ser defendida, assim como os territórios e fronteiras, bem como a manutenção do idioma. O “natural” seria cada população residir em seu país, sendo que as migrações introduzem uma anomalia neste contexto. Deste modo, surgem os discursos enfatizando que a prioridade, em qualquer situação, seja os autóctones, os nacionais. Para tanto, há a delimitação do que é estrangeiro.

A ideia de nacionalismo, portanto, nega as concepções pluralistas e heterogêneas, sendo assim a tendência é excluir ou perseguir o estrangeiro, figura que destoa da definição de nacional.

Dessa forma, defender uma identidade própria, uma cultura nacional, uma nação, significava passar por cima dos traços distintivos, favorecendo ideais hegemônicos. O intuito maior era a unificação cultural a fim de alcançar uma sociedade hegemônica. Para tanto, era necessário banir o estrangeiro, na medida em que representava a disparidade.

Todavia, diz a autora que, se o nacionalismo se opõe às tendências universalistas, segregando ou mesmo perseguindo o estrangeiro, não chega ao individualismo intransigente do homem moderno. Para ela, talvez seja a partir da subversão desse individualismo moderno, quando o indivíduo perde sua unicidade e grandiosidade, descobrindo suas incoerências e os abismos profundos que o cercam, que as questões que envolvem o estrangeiro voltam a se colocar, “não mais a da acolhida do estrangeiro no interior de um sistema que o anula, mas a da coabitação desses estrangeiros que todos nós reconhecemos ser” (KRISTEVA, 1994, p.10). Para a autora, o estrangeiro não é apenas o sujeito diaspórico com o qual coabitamos, sendo também nosso lado estranho e obscuro. Na primeira página do seu livro, a estudiosa apresenta a seguinte definição de estrangeiro:

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo (KRISTEVA, 1994, p. 09).

Depois dessa definição, Kristeva comenta que, ao longo da história, o estrangeiro foi ora rejeitado, ora acolhido. E destaca os momentos em que se pensou a possibilidade de uma sociedade sem estrangeiros. E, hoje, a discussão sobre o estrangeiro, mais do que nunca, se coloca em tela, bem como a questão, segundo ela, sempre utópica, de vivermos em uma integração econômica e política que envolveria todo o planeta. O mundo tem presenciado, nas últimas décadas, o maior fluxo de deslocamentos migratórios de sua história desde a Segunda Guerra Mundial. De acordo com dados levantamentos pela Agência da ONU, cerca de 68,5 milhões de pessoas em todo o mundo deixaram seus lares e foram para outros países em 2017 (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2018). Os noticiários sempre apresentam matérias sobre a situação da imigração em todo o mundo, frequentemente relacionadas a perseguições, expulsões, ilegalidade e morte. Paralelamente, surgem os estudos, levantamentos, pesquisas e publicações dos mais variados setores sobre o assunto. Em se tratando do contexto artístico mundial, diz Leonardo Tonus:

A crise humanitária relativa à condição do refúgio também conduzido a um engajamento cada vez maior por parte da cena artística mundial. Performances, exposições, filmes, documentários, peças de teatros multiplicam-se pelo mundo investindo o simbólico no sentido de alterar o nosso olhar sobre uma questão cuja crueldade diária e corriqueira passamos a nos habituar. Alguns eventos marcantes de 2015 e 2016 comprovam esta hipótese. (TONUS, 2018, p.477)

Nesse sentido, dentre as produções contemporâneas brasileiras que tratam do imigrante, temos o romance *Vidas Provisórias*, que conta as histórias de dois brasileiros que se viram obrigados a deixar o país, expatriados em dois períodos diferentes da história recente, a Ditadura Militar e o Plano Collor. As tramas correm paralelas ao longo das páginas da obra e seus protagonistas vivem em épocas diferentes. Paulo, durante a ditadura militar, é preso e torturado, sendo expulso do país e obrigado a se exilar no Chile e, posteriormente na Suécia, onde passa a receber ajuda da Anistia Internacional. Por outro lado, Barbara, em 1991, ainda adolescente, vai para os Estados Unidos em

busca de uma vida melhor, deixando para trás seus inúmeros problemas familiares e as dificuldades financeiras com as quais convivia. São dois imigrantes — um exilado, como é o caso de Paulo, vítima da ditadura, e o outro um fugitivo da crise econômica que se instala no país, como Barbara, que persegue o utópico “sonho americano” durante a era Collor, época em que se inicia a grande diáspora brasileira. Silvestre apresenta vidas que, como o título aponta, são provisoriamente destituídas de sua nacionalidade e direcionadas a novos mundos, culturas e experiências.

Barbara sai do Brasil para fugir dos problemas familiares, sobretudo os problemas com a justiça que o pai viveu, sendo acusado e morto junto com os responsáveis pelo sequestro do filho de um publicitário. Soma-se a isso a promessa de uma vida melhor, oferecida pelo namorado, Luís Claudio, que já morava nos Estados Unidos.

Entretanto, ao chegar ao novo país, percebe que sua vida não seria fácil, afinal precisava conviver com as dificuldades que tinha com o idioma (que ela julgava dominar, mas descobre que não entende), as atividades cansativas e mal remuneradas que desenvolvia para sobreviver, a ilegalidade e, principalmente, a solidão. Tinha dificuldades em fazer conhecer pessoas e fazer amizades, primeiro por seu medo de ser descoberta como imigrante ilegal e depois pelo fato de ser vista apenas como uma empregada, que devia somente cumprir sua função e permanecer invisível. Em terras estrangeiras, a personagem convive com a terrível sensação de não pertencimento, sentindo-se perdida e pequena em um mundo vasto e desconhecido.

Assim que Barbara desembarca nos Estados Unidos, já sofre o choque cultural e se descobre como estrangeira, primeiro com o frio que era bem mais intenso do que imaginava e, depois, com a cultura diferente, algo que ela já nota no aeroporto, quando é recebida por Leonardo, irmão de Luís Claudio, seu namorado, conforme demonstra o fragmento:

Apertam-se as mãos, ela aproxima o rosto para o beijo na face, como é de costume no país que deixou para trás, mas Leonardo afasta-se, mantendo a distância usual entre os habitantes do país aonde ela acaba de chegar (SILVESTRE, 2013, p. 12).

Todorov, em *A conquista da América: a questão do outro* (1983), explicita a dificuldade do ser humano em lidar com o diferente, com aquilo que lhe foge do comum ou que o tira de seu lugar de conforto. A ideia de que em um lugar não tão distante existe outro que vive em total oposição aos seus próprios costumes faz com que o indivíduo viva a sensação de estranhamento, como ocorre com a personagem em estudo ao longo de todo o enredo.

Logo que chega em Framingham, Barbara começa a trabalhar como empregada doméstica, único emprego que conseguiu. Levava uma vida muito corrida e cansativa, mas não se preocupava muito, pois acreditava que era assim no início e que logo conseguiria pagar as dívidas adquiridas com Luís Claudio e Leonardo, fora as que deixou no Brasil. Depois de um certo tempo, Barbara tem que sair às pressas de Framingham por conta de denúncias envolvendo imigrantes ilegais, como era o seu caso, e parte para Nova York, abandonando novamente parte da sua “nova” identidade. Já em Nova York, aceita todos os tipos de trabalho, de faxineira a manicure, e seu círculo de amizade é formado basicamente por outros brasileiros. Apesar das dificuldades enfrentadas no novo país, Barbara faz um enorme esforço para não sentir saudades do Brasil e não refletir sobre suas escolhas e ações, afinal tem consciência que não pode conviver com arrependimentos, pois não há como retomar a vida que abandonou quando decidiu viver como estrangeira.

O imigrante instala-se entre mundos antagônico: de um lado, o ontem e o lá, de outro, o hoje e o aqui, de maneira que, ainda que essas posições estejam relacionadas, há uma flutuação permanente e cambiante. Por isso, o sujeito migrante fala a partir de dois ou mais locais de enunciação, o que duplica ou multiplica a natureza de sua configuração como sujeito. E não é possível estratificar as experiências ou amalgamá-las, pois sua natureza é descontínua, baseada na diversidade múltipla de tempos e espaços.

Stuart Hall (2013) aborda a diáspora como um conceito que não é fechado e discute os reflexos causados na identidade, sendo um fenômeno de espalhamento dos povos, voluntário ou não. Conforme explica Hall (2013), na situação de diáspora as identidades se tornam múltiplas. A crise de identidade e a sensação de carregar outras existências consigo é própria do deslocamento, ou seja, o deslocamento espacial causa deslocamentos subjetivos, identitários e culturais. Nesse sentido, ser estrangeiro propõe um deslocamento constante, não só espacial, mas um movimento entre uma cultura e outra. O estrangeiro adquire facetas que permitem transitar linguística, cultural e intelectualmente. Por estar constantemente entre uma cultura e outra, vagueia pelo mundo, neutro, sem conseguir se definir, como ocorre com a personagem Barbara.

Inicialmente, como forma de estabelecer um contato com seu solo original, a protagonista dialoga constantemente com o passado. Nota-se a presença da memória no sentido da recordação que a personagem tem sobre as pessoas e os locais e a forma como a acessa, evocando suas percepções objetivas e subjetivas:

Tenta ligar mais uma vez para a mãe, na esperança de ouvir que sente sua falta e que gostaria de tê-la perto, de estarem juntas, comendo mais um bolinho de bacalhau ou outra rabanada, mesmo sabendo que a mãe jamais diria isso, como nunca disse, porém (felizmente?), o telefone no Brasil só dá ocupado, ocupado, ocupado... (SILVESTRE, 2013, p. 73)

Barbara sente falta da mãe. E, apesar da frieza com que sempre foi tratada, conforme descrito no fragmento acima, tem esperança de que, estando longe e sem data para voltar ao Brasil, a mãe talvez sinta sua falta e demonstre algum sinal de saudade. Entretanto, o telefone só dá ocupado.

Além da saudade da mãe, as datas comemorativas do país de origem também lhe causam desconforto, sendo a pior delas o Natal:

Esquecera que a data existia, que se repete todos os anos, e agora se vê diante de uma situação (mais uma) jamais cogitada: é Natal. Será Natal daqui a duas semanas (dentro de onze dias exatamente, uma terça-feira). Não quer admitir para si mesma, nem quer que ninguém saiba: não tem para onde ir na noite de 24 de dezembro, nem no dia seguinte. Sente medo, por antecipação. Será um dia de silêncio e isolamento, como tantos. Mas este a intimida. Mais que os outros. (SILVESTRE, 2013, p. 56).

Com o tempo, enquanto vai se distanciando da cultura e das tradições do Brasil, a protagonista sofre um deslocamento psicológico. Com sua identidade flutuante, perde-se das referências sociais e culturais que a conectavam com suas origens:

Perdeu o temor do Natal, que passou a ser apenas mais um feriado, ou assim se convenceu. Com a vantagem de vagões de metrô vazios e avenidas menos barulhentas. No dia 25 de dezembro fará algum percurso no impulso do momento, passeará por novas ruas desconhecidas, talvez. Não telefonará para a mãe. Há muito não se falam (SILVESTRE, 2013, p. 210).

No que diz respeito às relações familiares, a mãe é a única pessoa que permanece em suas lembranças. E, apesar de não manterem contato, algo que foi se perdendo com a passagem do tempo, Barbara reserva parte de suas economias para enviar a ela:

Faz remessas de dinheiro a cada dois meses para endereços que mudaram várias vezes nos últimos quatro anos. Os mais recentes são de cidades no interior de

São Paulo. Desconfia que a mãe e o padrasto se separaram. Não tem interesse em saber mais; a mãe tampouco procura partilhar algo com ela. Enviará um cartão de boas-festas. Possivelmente. Talvez (SILVESTRE, 2013, p. 210).

Ao longo do enredo, são poucos os momentos em que há referências à figura materna. Apesar de nutrir sentimentos pela mãe, Barbara faz todo um esforço para não se lembrar dela, afinal é algo que lhe causa sofrimento. No início da narrativa, telefonava para sua mãe praticamente todos os dias, antes de sair para o trabalho:

Por pouco que se falassem (e apesar da impressão constante de que a mãe precisava desligar, atrasada para algum compromisso, para almoçar, para alguma situação nunca explicitada), era uma chance de ouvir a própria voz, trocando impressões com outra voz humana (ainda que, não se sentindo à vontade para contar o cansaço das faxinas, ou os medos noturnos, ou o temor da polícia, se agarrasse às mudanças de temperatura e/ou exotismos dos nativos segundo seu olhar estrangeiro) (SILVESTRE, 2013, p. 140).

Como a mãe raramente atendia suas ligações em função das questões diárias, interpretou que, talvez, seria melhor ligar à noite:

Mas à noite o telefone também tocava e a mãe não atendia, nem o padrasto, ou Kátia já estava dormindo, ou Kátia ainda não tinha chegado, ou Kátia estava na casa da vizinha, ou Kátia tinha acabado de sair, ou Kátia devia estar chegando, ou, ou, ou, ou. Agora só liga em datas especiais (Dia das Mães, aniversário, Ano-Novo, Natal, Thanksgiving, essas coisas). Mesmo assim, nem sempre ouve a voz de Kátia, nem sempre ela pode atender (SILVESTRE, 2013, p. 140).

Entretanto, as ligações constantes não se mantiveram por muito tempo:

Porque Kátia se mudou para outro estado, porque o telefone era de uma vizinha, porque o telefone era da sogra, porque o telefone finalmente comprado estava ocupado, porque a ligação não se completava, porque a ligação estava ruim, porque ninguém atendia a ligação, porque não podia atender naquele momento e pedia para ligar mais tarde, outra hora, talvez à noite, quem sabe (SILVESTRE, 2013, p. 140).

A mãe não se importava muito com ela, parecia não sentir sua falta, nunca realizou uma ligação telefônica para a filha e não se esforçava para atender as ligações que recebia. Sempre fria e distante, muito ocupada e mudando de endereços, a figura materna faz parte do rol de lembranças que Barbara procura esquecer. Aos poucos, Barbara vai se distanciando da mãe, das tristes lembranças relacionadas à figura paterna, do ex-namorado, dos amigos que deixou, dos seus sonhos de adolescente. Enfim, a terra natal, e tudo o que se relaciona a ela, vai ficando para trás, a ideia de pertencimento torna-se cada vez mais frágil. É possível verificar como a personagem atravessa pelo fenômeno da *desterritorialização*⁵ (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 51), na medida em que este conceito diz respeito, no caso dos fluxos migratórios, às identidades dos sujeitos migrantes.

⁵ O conceito de desterritorialização é originário da teoria social e cultural e foi desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Gilles Deleuze, em colaboração com o psicanalista Félix Guattari. A desterritorialização é um conceito central na obra deles, particularmente em seu livro *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995). Em termos acadêmicos, a desterritorialização refere-se a um processo pelo qual as estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas se tornam cada vez mais fluidas, desvinculando-se de suas formas tradicionais e rígidas de organização territorial. É um conceito que busca compreender as transformações e os desdobramentos que ocorrem nas sociedades contemporâneas, influenciadas pela globalização, pelas tecnologias de comunicação e pela mobilidade humana. Na perspectiva de Deleuze e

A migração envolve a deslocação física de pessoas de um lugar para outro, e esse processo tem implicações significativas na forma como os indivíduos se relacionam com o espaço, a cultura e a identidade. No contexto da desterritorialização, segundo Deleuze e Guattari, a migração pode ser vista como um processo de desvinculação dos sujeitos de seu lugar de origem e de suas referências culturais e sociais tradicionais. Os migrantes enfrentam a necessidade de se adaptar a novos ambientes, lidar com diferentes línguas, costumes, valores e estruturas sociais. Nesse sentido, eles experimentam uma desterritorialização tanto geográfica quanto cultural. A desterritorialização migratória implica uma reconfiguração das identidades dos sujeitos migrantes. Eles são confrontados com a necessidade de negociar e construir novas identidades que reflitam sua posição entre a cultura de origem e a cultura de destino. A migração muitas vezes envolve a adoção de práticas, crenças e valores híbridos, que são resultado do contato e interação com diferentes culturas. No entanto, a desterritorialização também pode gerar desafios e conflitos identitários. Os migrantes podem enfrentar dificuldades ao navegar entre diferentes identidades e pertencimentos, lidando com a pressão para assimilar-se à cultura dominante e a discriminação baseada em sua origem. Essa tensão entre a identidade de origem e a identidade adquirida no contexto migratório é uma dimensão central da experiência migrante.

Além disso, a desterritorialização também afeta as percepções de pertencimento e comunidade dos sujeitos migrantes. Eles podem se encontrar em um estado de "entre-lugar", não se sentindo completamente parte da cultura de origem nem inteiramente inseridos na cultura de destino. Isso pode gerar um senso de marginalidade ou ambiguidade identitária, assim como o surgimento de novas formas de solidariedade e pertencimento com outros migrantes que compartilham experiências semelhantes. É o que se pode observar quanto à personagem Barbara ao longo do romance, que experimenta, através de sensações múltiplas de não pertencimento, o fenômeno sociológico e psíquico da desterritorialização completa de sua existência em diáspora.

Ao discutir a posição do estrangeiro, Kristeva descreve sua eterna busca por pertencimento:

A rejeição de um lado, o inacessível do outro: se tiver forças para sucumbir a isso, resta procurar um caminho. Fixado a esse outro lugar, tão seguro quanto inabordable, o estrangeiro está pronto para fugir. Nenhum obstáculo o retém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além (KRISTEVA, 1994, p.13).

Nos Estudos Culturais, o termo “entrelugar” apresenta-se para configurar a condição do estrangeiro, do exilado quando ele perde a referência do seu lugar de origem, mas ainda não se

Guattari, a desterritorialização é um processo tanto positivo quanto negativo. Por um lado, ela pode abrir espaço para a liberdade, a multiplicidade de conexões e a criação de novas formas de expressão e identidade. Por outro lado, ela também pode levar à perda de referências, à fragmentação social e à alienação. No pensamento humanístico, a desterritorialização é explorada como uma forma de repensar as noções de identidade, pertencimento e comunidade. Ela desafia as fronteiras tradicionais, sejam elas geográficas, culturais ou de gênero, e questiona as noções estáticas de identidade fixa em um único lugar ou contexto. A desterritorialização também é discutida em relação ao capitalismo globalizado e à influência das redes de comunicação e informação. Ela aborda a ideia de fluxos de informações e capitais que transcendem as fronteiras nacionais, desafiando a noção de soberania territorial e gerando efeitos sociais, econômicos e políticos complexos. Em resumo, o conceito de desterritorialização, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, refere-se ao processo de desvinculação das estruturas sociais e culturais de suas formas tradicionais de organização territorial. Ele é trabalhado no pensamento humanístico como uma forma de repensar as noções de identidade, pertencimento e comunidade, especialmente em um contexto globalizado e tecnologicamente conectado. Em suma, a desterritorialização é um conceito útil para compreender os fluxos migratórios e as identidades dos sujeitos migrantes. Ela destaca as transformações geográficas, culturais e identitárias que ocorrem durante o processo de migração, bem como os desafios e as oportunidades enfrentados pelos migrantes ao se adaptarem a novos ambientes e negociarem suas identidades em contextos transculturais.

identifica completamente com o novo lugar. Barbara sente falta dos dias ensolarados do país de origem, da natureza, algo que já percebe assim que sai do aeroporto:

Barbara observa, quieta, a manhã cinza, as árvores sem folhagem, a rodovia larga, com muitas pistas e muitos carros grandes passando em alta velocidade. Aqui e ali há sinais de Exit, seguidos de trevos e novamente pistas triplas, quádruplas, sêxtuplas, repletas de carros e vagos sons longínquos, abafados pelas vidraças fechadas e uma música country tocando no rádio. Então isso é os Estados Unidos, ela pensa (SILVESTRE, 2013, p. 15).

Com o passar do tempo, a inadequação da personagem ao espaço toma proporções ainda maiores: “Esta cidade é fria demais, aqui venta demais, aqui chove demais, aqui neva demais, aqui faz calor demais, aqui os vizinhos ouvem música alta demais” (SILVESTRE, 2013, 75).

Nota-se o nítido contraste entre a ilusão criada sobre os Estados Unidos e a realidade. Aos poucos, a personagem perde a idealização criada sobre o novo país, entende que a realidade diária é bem diferente do que havia imaginado. Então, começa a pensar que talvez a vinda para os Estados Unidos tenha sido um erro:

Não quer sentir pena de si mesma nem pensar que cometeu um erro, um engano irreversível quando decidiu vir para este país com Luís Claudio. As dívidas, os documentos falsos, a ilegalidade, tudo, tudo. Não quer pensar nisso, mas não consegue evitar. Não era para cá que queria ter vindo.

Para onde queria ter ido, então? Um outro lugar que não fosse o Brasil. Um outro lugar em que não sentisse medo toda vez que visse um policial (SILVESTRE, 2013, 75).

Com a vinda para o novo país, sua situação não mudou, pois continua convivendo com o medo da polícia, talvez até mais que em sua terra natal:

Tem medo da polícia, tem medo que peçam seus documentos, tem medo que perguntem detalhes sobre seus documentos, tem medo do guarda na entrada da estação do metrô, sente medo a cada carro de patrulha que cruza por ela (SILVESTRE, 2013, p.75).

Em certos momentos da obra, apesar de tentar esquecer, a todo custo, a vida no Brasil a fim de não conviver com arrependimentos, ouve vozes que questionam sua situação de estrangeira:

As vozes lembram que ela não é apenas mais uma mulher, agora já não tão jovem, a atravessar uma avenida de Nova York, quando a luz verde do sinal comanda: walk. Ou a faxineira invisível a aspirar o pó acumulado durante uma semana sob a poltrona da Ikea. Você é a excluída do Brasil, é o que elas, sem o dizer, lhe dizem. Lá não há mais lugar para você, é o que elas realmente dizem. Ninguém te espera. Lá você não tem mais casa, você não tem mais família, você não conhece mais as esquinas (SILVESTRE, 2013, 108).

E as vozes continuam:

Você era a jovem que ia estudar medicina, ou biologia, ou inglês para se tornar secretária bilíngue, as vozes insistem em lembrar, e hoje limpa apartamentos, faz unhas e depilação em Nova York. Quando você decidiu ir embora de São Paulo, deixar a mãe, os parentes, ou poucos amigos, era esse o futuro almejado? A vida em um país cuja língua até hoje não consegue falar ou entender direito? Um

apartamento de três cômodos (sala-quarto, cozinha, banheiro), mobiliado com móveis do Exército de Salvação? (SILVESTRE, 2013. p.109).

Barbara vai se distanciando da terra natal. Os tristes acontecimentos relacionados ao Brasil, dois quais destacam-se a morte brutal do pai e a relação fria com a mãe, fazem com que a personagem tente, a todo custo, esquecer seu país e, por consequência, seu passado. Já não há mais laços familiares, amigos, locais de pertencimento, tudo ficou para trás. Assim como seus sonhos da juventude, como frequentar uma faculdade e ter uma profissão. A ideia de Brasil enquanto nação, local de pertencimento, perdeu-se para Barbara. Por mais que a realidade de estrangeira, em um país cuja língua não domina e onde não encontra uma vida digna, seja difícil, não é mais possível voltar ao passado, retomar de onde parou. Neste ponto, a desterritorialização de Barbara se completa em termos afetivos, sociais e existenciais.

Para Benedict Anderson, em *Comunidades imaginadas* (2008), a nação nada mais é do que uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo, imaginada. Trata-se de uma estrutura que permite criar laços imaginários por meio da conexão das pessoas. Sem ela, os homens tornam-se apenas indivíduos isolados, desprovidos do sentimento coletivo, de pertencimento. Essa definição favorece uma importante e necessária discussão sobre os constantes fluxos migratórios em todo o mundo, que modificam as estruturas sociais existentes, levando a uma nova maneira de se pensar a ideia de nação e nacionalidade.

No caso da personagem em estudo, em determinado momento da obra, ela tenta organizar sua vida no país estrangeiro, chega, inclusive, a fazer planos, inicia uma tentativa de criar uma comunidade para definir seu pertencimento:

Não tem planos definidos para o dinheiro que poupará, mas vez por outra lhe passam pela cabeça algumas ideias. Comprar uma casa. Comprar um carro. Viajar. Ir à Europa. Ir a muitos lugares. Voltar a estudar. Fazer um curso universitário nos Estados Unidos. Medicina. Ou biologia. Poderia começar com enfermagem. Estudaria à noite. Mas, antes, precisava aprimorar o inglês (SILVESTRE, 2013, p. 41).

Entretanto, a triste e cansativa vida diária e o convívio com outros brasileiros, as prostitutas para quem faz faxina e o amigo Silvio, que se submete a tratamentos experimentais contra o vírus HIV, não favorecem a construção de sua comunidade imaginada, que, aos poucos, vai se dissolvendo. Diz uma das clientes:

Somos estrangeiros aqui. Somos indesejados. Não porque eu seja puta, a Susana seja puta, você seja faxineira, a Nadja seja cafetina ou... ou... ou não importa. Nós não somos nada, aqui.

Eles não nos querem, entendeu? Os americanos só querem que a gente limpe a casa deles, que a gente abra as pernas para eles, que a gente gaste nosso dinheiro nos supermercados deles, que a gente se endivide no cartão de crédito deles, que a gente compre as casas vagabundas que eles constroem nos nossos bairros de imigrantes, mas eles estão se lixando para nós, para nossas vidas, para nossos problemas, para nossas doenças, entendeu? (SILVESTRE, 2013, p. 195)

Nota-se, no fragmento acima, a descrição desnudada da situação do estrangeiro feita pela cliente de Barbara, que, apesar de não ser uma imigrante ilegal, também é uma estrangeira e, por isso, não se sente parte da sociedade, vivendo excluída e sem igualdade de direitos nos bairros de imigrantes.

Sílvio, uma das poucas pessoas que se solidarizou com Barbara, por diversas vezes também descreveu sua difícil vida como imigrante. Comentava sobre a saudade do Brasil, as dificuldades

que teve durante os primeiros anos, os relacionamentos conturbados, a sensação de não pertencimento, a vida solitária por nunca se sentir efetivamente inserido no novo país. Sabendo que Barbara era uma pessoa solitária e infeliz com a vida que levava nos Estados Unidos, convivendo com o medo e a falta de perspectiva de um futuro melhor, Sílvio tenta convencê-la a voltar ao Brasil:

— Volte para o Brasil, Barbara. Vá embora daqui. Não fique aqui. Não fique velha aqui, fazendo faxina. Volta para o Brasil. Vai, estuda, tira um diploma, se forma em alguma coisa, se casa, tem filhos, volte para lá. Volte para São Paulo, volte para Goiânia, volte para um lugar onde você tenha uma tia, um parente, qualquer lugar. Volte para o Brasil. Você não tem ninguém aqui, Barbara. Por que você não volta? (SILVESTRE, 2013, p.93).

Diante das inúmeras dificuldades para se adequar à nova realidade, Barbara realiza todo um trabalho mental para sobreviver às adversidades que encontra:

Talvez isso, talvez aquilo. Ou não sei o quê. Seja qual for a razão, ela acaba sempre se sentindo humilhada e com vontade de chorar. E não quer. Não pode. Se chorar, toda a proteção que ergue à sua volta, todas as horas do dia, pode desmoronar. O que seria dela, sem o alheamento à própria dor? (SILVESTRE, 2013, p.44).

Barbara encontra no alheamento a única forma para sobreviver à realidade inóspita em que vive. Não pode refletir sobre a vida que deixou no Brasil, seus familiares, sonhos e amigos, precisa esquecer a qualquer custo. Sendo assim, enfrenta uma luta diária para afastar seus pensamentos, algo que lhe causa muito sofrimento. Também não pode criar expectativas sobre o novo país, afinal sente que não pertence a ele, é alguém que precisa viver à margem, praticamente invisível. Desta forma, o único contentamento ocorre no momento em que recebe os pagamentos pelas tarefas que desenvolve:

Mais um dia, mais trinta dólares, diz de si para si, enquanto fecha a porta de tela, em seguida a de madeira e vidros bisotados da casa da comerciante americana a quem serve de babá e doméstica há quatro meses e meio, toda segunda, quarta e sexta. Leonardo arrumara o serviço, antes mesmo de sua chegada. Os outros foram acontecendo. Sempre para quem, como Mrs. Eunice Scholze, se mostrava disposta a fazer vista grossa e pagar menos pelo trabalho de uma imigrante sem documentos legais. Sabia que seria assim. Não se importa. Quanto mais serviços conseguir, mais cedo terminará de pagar a dívida contraída com Luís Claudio e Leonardo para a compra do passaporte argentino e da passagem. (SILVESTRE, 2013, p.42).

Como não conseguiu viajar de forma legalizada para os Estados Unidos, compra um passaporte falso com a ajuda de Luís Claudio e Leonardo, forjando ser uma estudante de biologia que veio para a Georgia fazer intercâmbio, nascida em Buenos Aires em 1970 e filha do casal argentino Abelardo e Laura Jannuzzi. O sobrenome Jannuzzi, de origem italiana, era mais aceitável na nova terra do que o brasileiro Costa. Desta forma, deixa de ser a assistente de serviços gerais do Smart English Course da rua Maria Paula, no Centro de São Paulo, para se tornar a falsa estudante intercambista argentina nos Estados Unidos.

Sua ilegalidade não lhe proporciona segurança para andar pelas ruas e fazer amizades. Dessa forma, quando não está trabalhando, passa os dias trancada em casa, fechada em seu mundo particular: “passou o fim da tarde e a noite quieta, sem ligar a televisão, indiferente aos murmúrios da rua e à gritaria dos vizinhos” (SILVESTRE, 2013, p.134). Em alguns momentos, pensa como seria diferente se tivesse coragem para desbravar o novo país:

[...] pensando em tudo o que ainda poderia conhecer, se ousasse enfrentar o desconforto de ser inadequada e invasora, tal como se sentia dentro dos templos dos outros, dos nativos, daqueles a quem este lugar pertencia e a quem Deus ouvia (SILVESTRE, 2013, p.134).

Barbara, contudo, tem medo. Reconhece que não é bem-vinda, que não domina a língua e pode ser presa como imigrante ilegal. Dessa forma, acaba se resignando ao anonimato e aos empregos mal remunerados que consegue para sobreviver. Não é possível sonhar ou tentar melhorar de vida. Então, realiza todo um trabalho mental para acreditar que aquilo que está vivendo é algo provisório, que não durará para sempre:

O apartamento era outro, atulhado de móveis, fotos, bugigangas e roupas que nunca o vira usando. Ficava no quarto andar de um prédio de tijolos vermelhos, sem elevador, ao sul de Manhattan, numa rua estreita e curta, sem uma árvore sequer, perdida entre a Houston e a Canal, próxima ao túnel Holland. Ela se esqueceu do nome da rua. Nunca se preocupou em memorizá-lo. Não acha necessário: se vai uma vez, sempre achará o caminho. Para que decorar nomes e números de ruas, avenidas, linhas de trens ou estações de metrô, se mais dia, menos dia, vai acabar indo embora? Esta é uma vida provisória, ela acredita. Tem de ser uma vida provisória, precisa acreditar (SILVESTRE, 2013, p.26).

A ideia de que vive uma vida provisória, conforme o título do romance, faz com que a personagem consiga lidar melhor com a situação desconfortante em que se encontra, uma imigrante ilegal que convive com um medo diário que a oprime, submetendo-se às mais diversas privações. Soma-se a isso a dificuldade que tem em dominar a língua e a cultura, bem como conquistar novos laços de amizade.

Considerações finais

A personagem Bárbara, objeto de estudo neste artigo, ao sair do Brasil para fugir dos problemas familiares, passa a viver nos Estados Unidos como faxineira e manicure, em especial, de outros brasileiros. Em terras estrangeiras, a personagem convive com a terrível sensação de não pertencimento, de fragmentação social e cultural, convivendo com dois mundos antagônicos, de um lado, o país de origem, de outro, os Estados Unidos, de maneira que, ainda que essas posições estejam relacionadas, há uma flutuação permanente e cambiante, por isso o sujeito migrante fala a partir de dois ou mais locais de enunciação, o que duplica ou multiplica a natureza de sua configuração como sujeito. Já não pertence mais ao Brasil, entretanto não se sente parte da nova nação, para a qual trabalha de forma ilegal, vivendo escondida em um submundo, sem dominar a língua e a cultura.

De acordo Julia Kristeva, o estrangeiro:

[...] não pertence a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado (KRISTEVA, 1994, p.15).

Ao tratar da complexa identidade do estrangeiro, Hall afirma que, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o sujeito se vê em confronto com “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 2006, p. 13). A crise de identidade é própria do sujeito diaspórico e, conforme Hall, faz parte de um processo mais amplo de mudança, que desloca estruturas e abala os paradigmas que ancoravam o indivíduo no mundo social, como ocorre com a personagem Barbara. As identidades, “que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 07). Para Bauman (2001), o pertencimento e a identidade não possuem solidez, não podem ser garantidos para toda a vida. Ambos são bastante instáveis e vão se moldando de acordo com as decisões tomadas pelo indivíduo e os caminhos percorridos. Esse pensamento compactua com Hall quando afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas ao longo da história de vida dos indivíduos” (HALL, 2006, p. 48).

Gilles Deleuze e Félix Guattari, por outro lado, em sua obra conjunta *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995), desenvolvem o conceito de *desterritorialização* como parte de uma análise mais ampla das relações sociais e políticas. Embora não tenham se dedicado especificamente à migração e diáspora, é possível explorar suas ideias a partir desse contexto. Deleuze e Guattari propõem a desterritorialização como um processo inerente ao funcionamento do capitalismo. Para eles, o capitalismo é uma força desestabilizadora que rompe com estruturas territoriais estabelecidas, sejam elas geográficas, sociais ou subjetivas. Ele cria fluxos constantes de produção, consumo e circulação que atravessam fronteiras e desterritorializam os elementos fixos e estratificados da sociedade.

No contexto da migração, podemos interpretar a desterritorialização como a desarticulação dos espaços e das identidades fixas. O movimento de pessoas além das fronteiras nacionais e culturais é impulsionado por diversos fatores, como busca por melhores condições de vida, conflitos, perseguições políticas ou mudanças ambientais. É exatamente isso que se passa com a personagem Barbara ao longo do romance de Edney Silvestre. Essa movimentação de pessoas cria rupturas nos territórios estabelecidos, desestabilizando as estruturas sociais e culturais preexistentes. Além disso, Deleuze e Guattari destacam a ideia de “linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 366) como uma forma de resistência e reconfiguração dos territórios. Essas linhas de fuga são movimentos de escape das territorialidades fixas, possibilitando a criação de novas conexões e formas de organização. No contexto da diáspora, as linhas de fuga podem ser entendidas como processos de reconstrução identitária e cultural, em que os migrantes constroem novos laços e redes que transcendem suas origens geográficas.

No entanto, é importante ressaltar que Deleuze e Guattari não idealizam a desterritorialização como algo necessariamente positivo. Eles reconhecem que, juntamente com as possibilidades de liberdade e reinvenção, a desterritorialização também pode levar à criação de novas formas de controle e opressão. O capitalismo, ao desterritorializar os elementos sociais e subjetivos, também promove a reterritorialização em diferentes níveis, buscando reafirmar seu poder e controle sobre os fluxos. Portanto, a partir do conceito de desterritorialização proposto por Deleuze e Guattari, podemos compreender a migração e a diáspora como processos complexos que envolvem a desarticulação de territórios fixos, a criação de linhas de fuga e a reconstrução de identidades em novos contextos. No entanto, é importante considerar as múltiplas dimensões e ambiguidades desses processos, bem como as relações de poder envolvidas na desterritorialização e reterritorialização.

Diante, portanto, da análise da personagem Bárbara e da perspectiva teórica de Julia Kristeva, Stuart Hall e Gilles Deleuze e Félix Guattari, é possível concluir que a experiência migratória não se resume apenas a uma mudança geográfica, mas envolve uma profunda reconfiguração identitária. Partindo dessa premissa, Bárbara, ao viver no limbo entre o Brasil e os Estados Unidos, ilustra vividamente a dicotomia entre a perda da pertença ao lugar de origem e a dificuldade de se integrar plenamente ao novo ambiente. O estrangeiro, segundo Kristeva, enfrenta uma constante

transição, uma sensação de pertencimento em suspenso que gera uma busca por identidade em meio à fragmentação cultural.

Por outro lado, a compreensão de Hall sobre a crise de identidade no contexto diaspórico adiciona uma camada de complexidade, destacando que as identidades são moldadas por processos históricos e sociais em constante transformação. Nesse sentido, a personagem Bárbara, ao confrontar a ilegalidade em seu trabalho nos Estados Unidos, representa a instabilidade inerente às identidades modernas, que estão em constante fluxo e sujeitas a mudanças conforme o sujeito atravessa diferentes experiências e contextos.

Ademais, a contribuição de Deleuze e Guattari, ao introduzir o conceito de desterritorialização, amplia a compreensão da experiência migratória como um processo que transcende a simples mudança de espaço físico. A desterritorialização, por conseguinte, ao desestabilizar as estruturas sociais preexistentes, oferece espaço para linhas de fuga e a criação de novas formas de identidade e conexão. No entanto, a ressalva de que esse processo também pode gerar formas de controle e opressão destaca as ambiguidades presentes na dinâmica migratória.

Dessa forma, ao examinarmos a trajetória de Bárbara à luz das teorias apresentadas, percebemos que a experiência migratória é um fenômeno multifacetado, marcado por desafios e oportunidades, pela busca incessante por pertencimento e pela constante reconfiguração identitária. A compreensão desses aspectos, em termos teóricos ou pragmáticos, é essencial para uma reflexão mais profunda sobre as complexidades inerentes à diáspora e para o desenvolvimento de abordagens mais empáticas e inclusivas diante das histórias individuais de migrantes.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DALCASTAGNÊ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- NAÇÕES UNIDAS BRASIL. ACNUR. Número de pessoas deslocadas chega a 68,5 milhões em 2017. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/80325-acnur-n%C3%BAmero-de-pessoas-deslocadas-chega-685-milh%C3%B5es-em-2017>. Acesso em 23/05/2023.
- RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos – Expressões da literatura brasileira no séc. XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.
- SILVESTRE, Ednei. *Vidas provisórias*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.

TODOROV, Tzevetan (1983). *A Conquista da América. A Questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TONUS, José Leonardo. Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa? *Letras de hoje*. Porto Alegre, vol. 53, no 4, p. [1], outubro a dezembro de 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-77262018000400476. Acesso em 23/05/2023.

Submetido em 25/05/2023

Aceito em 15/01/2024